



ESTADOS UNIDOS / Ron DeSantis, governador da Flórida, oficializa candidatura à indicação do Partido Republicano e enfrentará o magnata na corrida à Casa Branca. Especialistas apontam triunfos, mas admitem semelhanças entre os rivais



» RODRIGO CRAVEIRO

A 531 dias das eleições presidenciais dos Estados Unidos, o governador da Flórida, Ron DeSantis (leia **Personagem da notícia**), 44 anos, oficializou a entrada na disputa pela indicação do Partido Republicano. Escolheu lançar a pré-candidatura em uma tumultuada conversa ao vivo, ontem à noite, pelo Twitter, com o bilionário Elon Musk — dono da rede social, da Tesla e do Space X. O ex-advogado se postula como o principal adversário do magnata Donald Trump, 76, que planeja retornar à Casa Branca depois de governar os EUA entre 2017 e 2021.

Marcada para as 19h (hora de Brasília), a conversa com Musk teve que ser interrompida por problemas técnicos. O som foi cortado logo após DeSantis assumir o microfone. Vinte e cinco minutos depois, o mediador David Sacks retornou e brincou: “Eu acho que você quebrou a internet aqui”. “Os servidores estão sobrecarregados um pouco”, comentou Musk, ao citar a participação de 400 mil pessoas na sala virtual. Com a transmissão normalizada, DeSantis tornou a falar.

“Eu estou disputando a Presidência dos Estados Unidos para liderar o nosso ‘Grande Retorno Americano’”, afirmou ele, ao prometer restaurar a “sanidade da nação” e revitalizar os Estados Unidos. “Devemos restabelecer a integridade de nossas instituições. Isso significa que devemos reavivar a Constituição e devolvê-la a quem lhe possui por direito: o povo”, declarou o governador da Flórida, que citou a segurança na fronteira, a criminalidade nas cidades e a vulnerabilidade econômica como os problemas mais urgentes do país.

“Nós podemos e devemos entregar grandes resultados para os norte-americanos. (...) Vamos construir uma economia que garanta um bom padrão de vida. (...) Se vocês me indicarem, podem mudar seu relógio para meio-dia de 20 de janeiro de 2025, pois serei o 47º presidente dos EUA”, avisou DeSantis, em um recado ao Partido Republicano. Sacks e Musk destacaram que a história estava sendo realizada pelo Twitter.

O primeiro anúncio de uma candidatura presidencial feito pelas redes sociais foi precedido por um vídeo de 74 segundos publicado no Twitter, no qual o governador da Flórida fez a primeira remissão ao slogan “Grande Retorno

Giorgio Vieira/AFP



DeSantis com a mulher, Casey, e os filhos Madison, Mason e Mamie, em festa do Partido Republicano em Tampa, seis meses atrás

Americano” — alusão ao termo adotado pela campanha de Trump, *Make America Great Again* (“Tornar a América Grande Novamente”).

A campanha de DeSantis conta com doações de US\$ 110 milhões (cerca de R\$ 545 milhões) até agora. No entanto, a corrida eleitoral promete ser desafiadora para ele. O adversário de Trump aparece em uma pesquisa da emissora CNN como candidato de 26% dos americanos, enquanto o ex-presidente magnata tem a preferência de 53%.

Pela manhã, Donald Trump provocou o adversário. “DeSantis precisa desesperadamente de um enxerto de personalidade”, zombou o magnata em publicação na Truth Social, rede social criada por ele para divulgar sua ideologia.

“Trump 2.0”

Diretor do Projeto sobre Ética em Comunicação Política e professor da Universidade George Washington, Peter Loge afirmou ao **Correio** que DeSantis está em sintonia com muitas das posições de Trump. “Se ele vencer em 2024, não dará início a uma era pós-Trump. Seria mais um Trump 2.0”, comparou. “DeSantis



Eu estou disputando a Presidência dos Estados Unidos para liderar o ‘Grande Retorno Americano’. (...) Vamos restaurar a sanidade da nação”

Ron DeSantis, ao anunciar, no Twitter, a candidatura à indicação republicana

parece ter dois triunfos: o primeiro deles é o fato de ser o governador popular de um grande estado (Flórida). Governadores costumam se eleger presidentes dos Estados Unidos, e isso pode ser visto como uma força com a qual DeSantis pode contar. No entanto, ele não parece se aproveitar disso.”

O segundo trunfo do desafiante de

Trump, segundo Loge, é que DeSantis parece uma versão do magnata republicano, sem os indiciamentos, os processos judiciais, as acusações de abuso sexual e os fracassos nos negócios. “Ele tem toda a raiva e o ressentimento de Trump, todo o nacionalismo e a indignação, mas sem as acusações e os problemas com a lei. DeSantis busca ser Trump sem a bagagem do magnata. Vejo lógica nessa abordagem, mas sou cético de que possa funcionar”, comentou. Para o especialista, um movimento conservador pós-Trump se pareceria mais com o senador Tim Scott ou com o ex-governador do Arkansas Asa Hutchinson.

Como as primárias começaram em janeiro, o governador da Flórida e seus adversários terão tempo suficiente para apresentar os argumentos ao eleitorado norte-americano. Allan Lichtman, historiador político da American University (em Washington), explicou ao **Correio** que a vitória nas eleições a candidatos que não sejam favoritos requer pelo menos um de três fatores: uma questão candente, uma extensa organização popular ou uma personalidade inspiradora. “DeSantis não tem nenhuma dessas vantagens nas primárias republicanas.”

Personagem da notícia

Uma estrela em ascensão da direita

Aos 44 anos, o ex-advogado e veterano da Marinha Ron DeSantis é o obstáculo para a nomeação de Donald Trump à corrida pela Casa Branca. Pragmático e intransigente, o homem que governa a Flórida desde 2016 se firma como uma estrela em ascensão da direita republicana. Também tornou-se um dos principais protagonistas da cruzada conservadora contra a ideologia “woke” (“desperto”, na tradução literal) — um termo que se refere à percepção e à consciência de questões relativas à justiça social e racial.

Nascido no seio de uma família de classe média de origem italiana, DeSantis estudou na prestigiada Universidade de Yale — onde também se destacou na equipe de beisebol — e na exigente faculdade de Direito de Harvard. Depois, exerceu a advocacia no Exército, servindo como assessor em Guantánamo e com as tropas de elite no Iraque. A sua aposta para tentar ascender ao cargo de homem mais poderoso do mundo está nas posturas inflexíveis em matéria de imigração, aborto e questões de gênero.

O posicionamento de DeSantis na ala ultraconservadora do Partido Republicano veio em 2011, com a publicação do livro *Dreams of our Founding Fathers* (“Sonhos dos nossos Pais Fundadores”), uma referência à autobiografia de Barack Obama, *Sonhos do meu pai: Uma história sobre raça e legado*. No livro, DeSantis critica o ex-presidente democrata por romper com a Constituição por causa de suas visões “progressistas”.

Em 2012, ganhou um assento na Câmara dos Representantes e foi reeleito por duas vezes. Seis anos depois, elegeu-se governador, após receber o apoio do presidente Trump. Em um vídeo de campanha, DeSantis, um político quase desconhecido naquele momento, construía um muro com cubos coloridos junto da filha, em referência ao projeto de Trump na fronteira com o México. O salto para o cenário nacional ocorreu durante a pandemia, quando promoveu a rápida reabertura dos negócios e criticou duramente as medidas sanitárias impostas pelo governo democrata de Joe Biden.

UCRÂNIA

Grupo Wagner adverte sobre revolução russa

Yevgeny Prigozhin, fundador do grupo paramilitar Wagner, alertou que a Rússia pode enfrentar uma nova revolução, caso sua liderança não melhore o gerenciamento da guerra. A organização é formada por mercenários alinhados ao governo do presidente Vladimir Putin que participam de combates na Ucrânia.

Durante uma entrevista ao blogueiro pró-Kremlin Konstantin Dolgov, divulgada pelo aplicativo de mensagens Telegram, ele destacou a disparidade social provocada pela guerra. Lembrou que os filhos dos pobres são enviados de volta do front em caixões de zinco, enquanto os da elite “balançam o traseiro” ao sol.

“Essa divisão pode terminar, como em 1917, com uma revolução”, disse Prigozhin. “Primeiro, os soldados se rebelarão. Depois, seus entes queridos. Há dezenas de milhares deles, familiares dos mortos. E provavelmente haverá centenas de milhares — não podemos evitar.”

Pela primeira vez, Prigozhin confirmou que quase 10 mil dos 50 mil

prisioneiros recrutados nas penitenciárias russas pelo Grupo Wagner morreram na Ucrânia, principalmente na linha de frente na sangrenta batalha de Bakhmut. “Selecionei 50.000 detentos, dos quais 20% morreram”, acrescentou o líder do Grupo Wagner.

Por outro lado, ele indicou que uma proporção semelhante de seus combatentes profissionais também morreu em combate, sem especificar o número. No entanto, garantiu que as perdas ucranianas são maiores: “Tenho três vezes menos mortos (...) e cerca de duas vezes menos feridos”, disse. O Exército russo divulgou o último balanço de soldados abatidos em setembro de 2022, ao admitir 5.900 mortes em suas fileiras.

Um vazamento recente de documentos confidenciais dos Estados Unidos colocou as perdas russas, até 1º de março deste ano, entre 35.500 e 43.500, contra 16.000 a 17.500 para a Ucrânia, mas os números são estimativas impossíveis de verificar com fontes independentes.

Sergey Bobok/AFP



Sabotadores posam para foto no norte do território ucraniano

Em Belgorod, região localizada na Rússia, perto da fronteira, duas organizações de cidadãos russos que combatem pelo lado da Ucrânia comemoraram o “sucesso” de uma incursão arriscada de suas células realizada na segunda-feira em território russo. Somente o fato de essas células terem conseguido entrar na Rússia e retornar à Ucrânia “pode ser considerado um sucesso”, afirmou Denis

Telegram/AFP



Mercenários ostentam bandeira sobre ruínas, em Bakhmut

Kapustin, fundador do Corpo de Voluntários Russos, em declarações aos jornalistas no norte da Ucrânia. O Kremlin prometeu respostas “muito duras” em caso de novas infiltrações na fronteira.

China

O presidente da China, Xi Jinping, declarou que Pequim apoiará os

“interesses fundamentais” de Moscou, durante reunião com o premiê russo, Mikhail Mishustin. “A China deseja que os dois países continuem apoiando-se firmemente em questões que afetam os interesses centrais de cada um”, afirmou Xi ao visitante, de acordo com a agência de notícias Xinhua. A frase é frequentemente usada em reuniões bilaterais com representantes da Rússia.